

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

### PREÇO DA ASSIGNATURA

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 1.500 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.  
FORA D'AVEIRO: anno (50 n.º) 1.512 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.

### Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

### PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.  
No corpo do jornal: cada linha 60 rs.  
Numero avulso 30 rs.  
Redacção e administração — rua Direita.

## AVEIRO

### EL-REI VIAJA

A nação atravessa uma crise terrível e el-rei viaja. O povo tem fome e a familia real diverte-se. As camaras portuguezas compostas na sua grande maioria de homens sem dignidade nem patriotismo, acorrentados por um egoismo sordido ao carro triumphante do ministerio, ainda ha mezes lançaram sobre o paiz 2:400 contos de impostos. E para quê? Para acudir a alguma grande desgraça nacional, para desenvolver a industria, para fundar escolas, para construir caminhos de ferro, para matar o deficit? Não, simplesmente para pagar aos homens que no Porto estenderam tapetes e espalharam flores no caminho de sua magestade, ha 9 mezes, para gastar com os espiões que assolam o paiz n'este momento, para esbanjar nos transportes de tropas estendidas ao longo das linhas ferreas com o fim de guardarem a hydra. Sua magestade passeia á cata de popularidade. Mas sua magestade deve conhecer o divorcio estabelecido entre elle e a nação, e portanto escusava de se cançar e de gastar tanto dinheiro. O repto está lançado, a lucta dura ha seculos, o dia de amanhã será nosso, a victoria é fatal. As chagas não se cicatrizarão, o sangue rebenta. Não passou impune-mente por cima de nós a civilização, nem o tempo correu sem deixar vestígios. Apesar do empenho da monarchia em nos deixar sempre na escuridão, a nossa educação é hoje mais perfeita e completa; nós, o povo, o grande anónimo, sabemos hoje o que ignoravamos antes.

Recordamos os direitos offendidos, as liberdades desprezadas e sobrisma-das, as luctas fratricidas provocadas pela realzeza, as colonias dadas de presente, as fugas covardes na hora do perigo,

## FOLHETIM

### SCIENCIA E RELIÇÃO

Na epocha em que as religiões foram eradas entre todos os povos, não se conhecia do universo inteiro senão a terra e esta mesmo uma bem pequena parte. Julgava-se que a lua e as estrellas eram como uma especie de lampadas suspensas da abobada celeste para adornarem o firmamento e dissiparem a obscuridade das noites. O sol era o grande facho encarregado d'illuminar a terra. Os astros restantes que compunham o universo nada representavam para os antigos povos. Elles não suspeitavam mesmo a existencia d'outros mundos. Para os antigos, a terra por si só constituia o «mundo».

Concebidas n'esta ignorancia absoluta do universo, as religiões deviam succumbir no dia em que se desabrisse a verdadeira constituição dos mundos, no dia em que se conhecesse a immensidade sem limites do universo, no dia em que se soubesse que a terra não é mais que um ponto no espaço e que desempenha entre os corpos celestes um insignificantisimo papel.

As religiões antigas pôde-se dizer que morreram em 1610, quando pela primeira vez o telescópio então novamente inventado, foi dirigido para a Lua por Galileu. Isto matava aquilo.

Os prelados eminentes, os homens esclarecidos, que presidiam então aos destinos da Igreja romana não se enganaram a esse respeito. Os cardeaes e todo o Sacro Collegio viram immediatamente os perigos que os ameaçavam; e a sua conducta prova evidentemente que comprehendiam que as descobertas da astronomia iam abalar o edificio das religiões existentes. Apenas os clarões da verdade scientifica illuminaram a humanidade, as mãos da Igreja estenderam-se para abafar. Roma declarou uma guerra de morte á nova astronomia.

Pedro d'Albano, autor d'um «tratado sobre astronomia, é queimado em effigie, em

as devassidões dissolutas, as bancarótas, e, em nome da consciencia, em nome da humanidade, em nome da civilização, queremos por còbro a isso cortando o mal pela raiz para nos apresentarmos regenerados aos olhos do mundo e tomarmos dignamente parte no convívio social.

Sua magestade procura as ovações populares. Com que titulo, em nome de que direito?

Hontem era a penitenciaría, a cessão da Zambezia, a cessão de Lourenço Marques; hoje é o imposto do sal, do petroleo, do assucar, do azeite, do milho etc., e o famoso syndicato que nos custa 2:700 contos.

Hontem era a viagem d'el-rei de Portugal a Cáceres e d'el-rei de Hespanha a Lisboa que nos custaram mil e tantos contos; hoje é a viagem d'el-rei ás provincias que nos custa centenas de contos quando o povo se revolta por causa da fome, e amanhã será a viagem d'el-rei ao estrangeiro que nos custará seguramente mais de mil. Hontem e hoje são a perseguição á imprensa e a todos os homens honestos que pensam d'uma maneira diferente da dos aulicos, e a supprimação mais completa das liberdades publicas e o desprezo mais inaudito pelas nossas regalias de cidadãos.

Sua magestade procura applausos. Porque? A nossa divida publica é enorme arrancando-nos 13:000 contos de juros e cada vez promete ser maior; o nosso deficit é de 5:000 contos e augmentará; os impostos já nos deixavam sem camiza e breve nos deixarão sem pelle. A crise economica que se pronunciou ha cinco annos produz resultados funestos; a industria definha, as casas commerciaes estão á beira d'uma quebra e o proletariado, sem pão nem trabalho, já estende nas ruas a mão á caridade publica.

A magistratura desprezando a lei para servir interesses partidarios revolta os animos e em lugar do castigo merecido recebe pingues recompensas. O exercito indisciplinado e desorganizado

Bolonha, no anno de 1327, e Ceco d'Ascoli é entregue ás chammas, no mesmo anno, em Florença, por ter proclamado a doutrina do movimento da terra, contrariando as Escripturas. Jordano Bruno, sobe á fogueira em Roma a 17 de Fevereiro de 1600, por ter professado a doutrina da fixidade do sol.

O cadaver do sabio physico Antonio de Dominis morto em Roma onde se achava prisioneiro é lançado ás chammas vindoras no Castello de Santo Anjo, em 1625!

Campanella é torturado sete vezes e preso durante vinte e sete annos por ter professado uma philosophia conforme a de Galileu!

Koperink, conego, ah! Não ponde ser perseguido pela inquisição pela unica razão de que morreu antes da publicação do seu livro—«Astronomia nova» cujo primeiro exemplar sahido do prelo elle apenas ponde tocar no leito da agonia com as suas mãos desfallecentes. Vingaram-se de não terem podido queimar o fallecido Koperink queimando solememente o seu livro, causa primeira da revolta.

Kepler, o immortal continuador da obra de Koperink, que era contudo protestante e que nunca deixou a protestante Alemanha, foi durante toda a sua vida perseguido pelo odio dos homens da Igreja. Accusaram-no de heresia. Uma thia Gudelman foi queimada por feiteira em Weit. Sua mae, accusada tambem de feiteira, foi presa, em 1615, em Stulgard. Ficou cinco annos debaixo de ferros e não foi salva senão graças aos milagres de dedicação e ás mil fadigas de seu terno e desgraçado filho. O proprio Kepler arrastou a existencia mais inquieta e atormentada, que possa supportar um homem de genio.

Citemos ainda Roger Bacon, o sabio frade de Oxford, que, antecipando a epocha das descobertas scientificas e das perseguições que ellas atrahiam sobre seus autores, passou a maior parte da sua existencia prisioneiro, umas vezes na cela do seu convento, outras n'um calabouço. O seu unico crime era occupar-se de physica e d'astronomia! Dois seculos depois o seu homonymo Francisco Bacon era posto no index pelos ecclesiasticos inglezes e pela mesma causa.

Em França, o nosso illustre Descartes an-

arrasta uma vida desgraçada, lamentando a sua triste sorte. O enorme funcionalismo suja, vegetando a nação. A desordem não pode ser maior em todos os ramos da administração.

Como ha de então o povo receber el-rei affectuosamente? É impossivel. De nada valem os reclames officiaes. Essa poeira já não cega ninguém. É conhecida de mais.

A realzeza tem encontrado uma frieza glacial em todo o paiz, apesar dos sujeitos comprados a tanto por cabeça para darem vivório. É reconhecida a sua decadencia; contorce-se em agonias mortaes. Julga poder impor-se lançando ao publico telegrammas forjados nas redacções dos jornaes da sua troupe e na propria carruagem real, mas isso ainda mais prova a sua fraqueza.

Em Portugal ninguém se engana e os desenganos estrangeiros breve virão.

Tambem fora de Hespanha se julgava que eram verdadeiras as ovações que Isabel II recebia nas suas viagens, referidas pelos telegrammas officiaes e passado pouco tempo a indignação hespanhola obrigou-a a passar a fronteira. Julgava-se que a suffocação do movimento de 66, que deu em resultado fuzilamentos infames ordenados por O'Donnell, era uma prova do vigor da monarchia e afinal passados trez annos as sublevações de Cadiz e a derrota de Alcolea apontaram aos Bourbons odiados o caminho do exilio.

Tambem fora de França se julgava que eram verdadeiras as decantadas ovações feitas a Napoleão, e annos depois este desgraçado cabiu miseravelmente em Sedan e em seguida era corrido para sempre pelo heroico povo francez.

Que não acredite o rei de Portugal nos aulicos e que reflecta maduramente sobre a historia.

ANTONIO DE CASTRO.

### REACCIONARISMO CLERICAL

Em quanto el-rei viaja e a maioria

perseguido em toda a parte pelo odio dos beatos, elle, o homem religioso, o philosopho espiritalista por excellencia, cuja orthodoxia era profunda e sincera, elle que nunca pronunciava ou ouvia pronunciar o nome de Deus sem se descobrir, em signal de respeito. Mas era astrónomo e portanto considerado como inimigo da Igreja. Citemos ainda o sabio jesuita Fabri, preso em Roma por ter dito n'um discurso que «o movimento da terra uma vez demonstrado, a Igreja devia interpretar em sentido figurado as passagens da Escriptura contrarias a este principio.»

Na mesma epocha, isto é em 1630, Galileu era perseguido encarceradamente pelos prelados romanos. A publicação dos seus immortaes «Dialogos», em que a doutrina do movimento da terra era estabelecida conqnaclamente com outras verdades novas da astronomia e da physica levantava uma tempestade d'odios que não terminaria senão com a morte do sabio e desgraçado florentino. E o que prova bem que Urbano VIII não perseguiu Galileu, como se disse, por mesquinhas e pequenos rancores pessoais, mas sim por querer vingar ou salvaguardar a religião enrista, é a correspondencia que os homens da corte do papa trocaram com Galileu durante o seu processo.

Só a sua abjuracão solemne e a sua attitude humilde perante os juizes do sacro collegio o poderam salvar das chammas. A fogueira que tinha cevoracão o cadaver de Antonio de Dominis fumegava ainda no campo de Flora e da igreja do convento de Santa Minerva onde pronunciou a sua abjuracão podia o desgraçado velho descobrir o theatro d'este supplicio posthumo. O resto da vida de Galileu passou-se n'um meio captivo, n'um exilio perpetuo, na sua villa d'Arcetri, onde toda a liberdade d'acção lhe era prohibida. A Igreja não podia perdoar a este grande homem o golpe funesto e irreparavel que lhe tinha dado popularizando a nova astronomia.

Em França, os catholicos comprehendiam perfectamente que as descobertas astronomicas deviam derrotar a velha theologia. Graves ameaças á Igreja e á sociedade d'esse tempo se occultavam sob a questão da fixidade do sol.

A terra não sendo mais o centro, não for-

do povo portuguez se estorce nas agonias de um mau estar que promete ser longo; em quanto Fontes, o olympico, encrespa o sóbrolho de indignado contra a canalha que ousa turbar os seus principescos divertimentos, e que Hintze e Thomaz Antonio tripudiam jubilosos por terem feito vingar a *salamancada*, contra a qual o ultimo se pronunciara quando governador civil do Porto, o clericalismo campêa desenfreado e, cioso da sua antiga omnipotencia, cuida em restabelecer entre nós a intolerancia religiosa e o predomínio theocratico. E nem admira uma semelhante propaganda reaccionaria, quando os symptoms da nefasta administração, que nos faz prever a bancarrota e a intervenção estrangeira, denunciam o intento reservado de retrogradar a condição politica do paiz aos ominosos tempos do cacete e da masmorra, da força e do pótro, da gonilha e do azorrague.

N'esta ingloria cruzada contra o paiz, que facto já de toda a especie de des-temperos e de esbanjamentos, e conhecedor da burla de que tem sido victima n'este periodo de cincoenta annos de pseudo-constitucionalismo, a monarchia, representada pelos seus ministros dilectos e o clero deram-se as mãos, e eil-os ambos afanados em dissipar as sombras e o terror, encarcerando a seu bello-prazer cidadãos inoffensivos, atentando contra a liberdade da consciencia e premin-do de uma forma iniqua e infame sobre o poder judicial, em termos a tornal-o entre nós uma instituição perseguidora e infractora da lei, antes que o sustentaculo da harmonia social para que fora creado.

Factos recentes e bem frisantes justificam o que aventamos. Não ha muito que um joven, ainda imberbe era condemnado pelo sr. Rangel de Quadros, juiz do 3.º districto criminal de Lisboa, a 60 dias de prisão pelo *nefando crime* de se não haver descoberto ante um prestito religioso. Não sabemos se importa desrespeito á religião do estado esse facto; mas quando mesmo importas-

mando mais o ponto de mira do universo intei-ro, a terra movendo-se no espaço com o mesmo titulo e ao mesmo tempo que outros astros semelhantes a si, o sol deixando de girar em volta da terra e terminando o seu papel de vassalagem ao nosso globo, era a destruição de todas as ideas que, desde seculos, haviam tomado raizes no espirito publico. Onde collocar agora o paraíso e o inferno? N'outro tempo não havia nada mais simples. O inferno, ou o lugar dos castigos era por debaixo da terra, occulto nas suas profundidades e nas suas trevas, como diziam os antigos; o paraíso, ou o lugar dos premios, era por cima, no ceu. No meio ficava o purgatorio. Este paridieiro de trez andares, tão simples e desde tanto tempo consagrado pela imaginação doce das massas desabava com a multiplicidade dos globos planetarios semelhantes ao nosso.

Como conceber um paraíso ou um inferno unico no systema complicado da astronomia nova e com a immensa quantidade de globos novos semelhantes á terra? E depois, não era de temer que, uma vez abalada a theoria do universo pela sciencia, o espirito humano cedendo ao impulso da critica e do livre exame se applicasse a estudar os principios fundamentaes da religião e as proprias bases da sociedade?

Eis todas as consequencias que se podiam prever como resultantes da vulgarização no publico do principio astronomico do movimento da terra e comprehendese que principios da Igreja, prelados, philosophos e altos senhores se reuniram para tentar apagar as luzes da verdade scientifica trazidas pelo physico de Florença e abafar a doutrina que elle tinha sabido popularisar nos seus admiraveis «Dialogos» em que o bom gosto e o espirito acrescentavam um encanto de mais ao atractivo da novidade philosophica.

Mas vão esforços! Ideas emanando d'uma epocha de trevas e de ignorancia não podiam subsistir n'um periodo de luzes e com o conhecimento do mundo real. Deviam desaparecer aos clarões novos da sciencia. Hoje a humanidade pensa. É preciso que os dogmas religiosos para serem sinceramente aceites se apoiem sobre a verdadeira construcção d'es-

se, claro é que a condemnação foi iniqua e que o juiz applicando-a violou a disposição do código penal na parte relativa ás penas comminadas aos que faltam respeito á mesma religião.

Este facto e outros de identico jaez demonstram palpavelmente que a influencia clerical se faz já sentir nas altas regiões do poder, e que estas, julgando a seu auxilio uma necessidade imprescindivel para a sua existencia, se submettem aos seus mais tresloucados caprichos e ambiciosa exigencia. Explica-se d'esse modo a re-instauração no paiz de congregações de origem jesuitica e a promoção para os altos cargos do clero portuguez de individuos tidos por reaccionarios e affectos á negregada seita.

Foi sem duvida convencidos d'essa verdade que alguns jornaes liberaes se insurgiram contra a nomeação do sr. D. Valiente y Mederos para primaz do Oriente. Segundo elles, essa promoção importava o mesmo que entregar a jurisdicção do padroado luso-oriental á immediata influencia da curia romana e consequentemente á companhia de Jesus. Empreheender portanto a inauguração de um systema de intolerancia era a consequencia logica do facto.

E com effeito os factos não se fizeram tardar. D. Valiente y Mederos, cijos precedentes, quando simples ecclesiastico e como obscuro instrumento da seita negra, tinham já provocado a indignação de todos os seus conhecidos de Coimbra, que acalentam ideias liberaes, deveria em breve vir testemunhar ao publico o seu entranhado amor pelas sombras e a sua repugnancia profunda pela liberdade da discussão. Ambicioso e aventureiro, não deveria limitar-se a umas simples manifestações de desgredo banal; mas a um acto de energia, que provocando a dissensão entre os membros da familia, pudesse ser tido como iniciador em Portugal do reaccionarismo descoberto. As condições mais logicas facilitavam-lhe a acção; aproveitou-se d'ellas.

É assim que no Boletim official da

te universo sem limites, que as religiões antigas desconheciam. É preciso que o genero humano seja considerado, não mais como o centro ou o objectivo da natureza inteira, não mais dominando tudo que se vê debaixo dos ceos, mas antes como sendo apenas uma parcelle da creação, um membro obscuro da familia geral dos mundos. Longe de afirmar que tudo é feito para o homem é necessário proclamar que o universo é um todo continuo uma cadeia não interrupta, de que a especie humana é um anel.

É necessário reconhecer que a terra não é mais que um grão d'arêa perdido na incomensuravel extensão do espaço infinito.

Eis as bases positivas sobre que deverá ser assente a religião da sciencia e da natureza. Esta religião nova será a obra do seculo vinte. Então os espiritos mais amadurecidos do que hoje por esta revolução moral, serão os dogmas novos aceites sem custo; elles não arrastarão luctas nem combates. Em quanto as religiões actuaes se elevaram e engrandeceram á custa de sangue e de lagrimas, pelas perseguições e supplicios, no meio do sofrimento dos martyres e das cruéis repressões dos fiseas dos velhos dogmas, a religião do futuro, preparada por um consentimento unanime, por uma conversão universal, elevar-se-ha sem custar uma lagrima nem uma gota de sangue. Espalhar-se-ha rapidamente sobre a terra inteira. Então a extrema facilidade das communicações tendo feito chegar facilmente ás diferentes partes do mundo estas ideas simples e verdadeiras, todos os povos adoptarão a pouco e pouco a religião nova. As suas vantagens, a sua conformidade com a ordem da natureza apparecerão com uma tal evidencia, que cada nação dos dois mundos adopta-la-ha, como cada uma d'ellas já terá adoptado, depois de lhe ter reconhecido as vantagens, a unidade dos pesos e medidas, assim como a unidade de moeda, fundada no systema metrico.

LUIZ FIGUEIRA

Índia portuguesa se lê uma estensa pastora, na qual o sr. D. Valiente assumindo por conta propria o direito de julgar dos desmandos da Cruz, jornal politico e litterario que se publica em Nova-Goa, prohibe a publicação do mesmo jornal e em caso de recusa a sua leitura aos fieis.

Eis os termos do veridictum:

«Havemos por bem, exercendo nosso poder ordinario, condemnar o supra-mencionado semanario como systematicamente hostil ás autoridades ecclesiasticas, diffamador, escandaloso, revolucionario, perturbador da paz e das consciencias. Outrosim prohibimos a sua publicação tanto na archidiocese de Goa, como nas missões do real padroado a Nós sujeitas por especial delegação do summo Pontífice Leão XIII; e, se contra o que deve esperar-se, não formos obedecidos prohibimos, sob preceito grave, a sua leitura a todos os nossos subditos, quaesquer que sejam as modificações que sophisticatedamente se adotem para continuar a mesma publicação.»

A publicação d'este documento na folha official, prova simplesmente que entre o governo e o primaz do oriente ou ha communhão de principios sobre o assumpto ou sujeição tacita aos caprichos do prelado.

N'um ou n'outro caso triumpho o reaccionarismo clerical.

O povo portuguez que attente n'essa invasão que ameaça asoberbar-nos, e que trate, em quanto é tempo de conjural-a.

A fome e o fanatismo eis o galardão que te destinam a monarchia e o clero.

G. VENEVIDES.

## A PRESSÃO D'HOJE

Eis-nos em frente dos nossos contentores. A luta travou-se e a luva não foi inutilmente arremçada á face d'um mundo civilisado.

Arvorámos uma bandeira e tentam rasgar-nol-a. Sigam, pois! Avante! Mas.. acautellae-vos! De braços dados com o povo, elle, que é soberano e senhor, saberá deffender-nos! E demais: o rir dos grandes não nos causa medo! Os papões das lendas desapareceram quando á superstição se seguiu a comprehensão dos direitos de cada um, quando ao embrutecimento se seguiu a ideia exaltada.

Vencem-nos? Mas que vale essa victoria ephemera ante os gemidos da turba? Que valem esses canticos hypocritas ante o soluçar da miseria? Não sabem que a persistencia dá ao homem a gloria? Ignoram, talvez, que, na Russia, ao lado do povo que geme, ha o nihilismo que derruba? Não sabem, talvez, que em Portugal, junto á plebe que sofre, ha a democracia que luta? Não querem, talvez, saber que, a humanidade inteira se levanta contra um patibulo a que por escarneo pozeram o nome de throno real?

E estejam certos d'uma cousa: não arvorámos a nossa bandeira, dornada pelo symbolo do nosso partido, para os regulos monarchicos escarrarem n'ella as villanias asquerosas do seu sentir. Não hasteamos nos fortes da nossa crença um pendão tricolor cheio d'irradia-

## FOLHETIM

### JESUITAS E REIS

IV

#### SIMONIA

Proseguindo na depravada senda que tão malevola e arrojadamente havia encetado a atrevida companhia, que se dizia de Jesus, foi topar com a doutrina da simonia que desfigurou e estragou como costumava fazer a tudo aquillo em que tocava, para o que tinha havéis doutores, não sabemos se mais admiráveis na philancia sectaria se na puerilidade e arguecia das distincções forçadas e ociosas.

Procuremos apresentar a summa das suas maximas e dogmatizações:

Não é simonia fazer presentes com a esperança e até com o intento d'obter um beneficio, visto não poder haver simonia sem preceder pacto. Também não é simonia dar dinheiro para que se eleja papa aquelle que é digno de o ser;

Nem ainda é simonia dar ou receber dinheiro, tendo por principal intento

ções santas creadas n'um pensamento sublime para que a podridão e a traça da canalha nol-o suga. Elevamol-o magestoso e digno, ativo e limpo, e não consentiremos, por isso, facilmente, que sejam manchados os seus brios com as vontades prepotentes dos que se rastejam nas salas palacianas em busca do modo mais aviltante como devem roubar o povo. Nós, que fazemos parte integrante d'esse lazarento que tenta arremear para longe os grilhões d'escravo, vamo-nos emancipando do jugo monarchico ensinando á plebe, que o paço despreza, como nos tornamos senhores pela evolução, como somos grandes pela defeza das grandes ideias. Ensina-mos, e parece-nos não ser improficua a forma d'ensino, porque o povo abraça as doutrinas sãs que lhe proclamamos. E para o provar não é necessario muito esforço de phrase. Os proprios factos nol-o apresentam.

Vê-se já em Portugal responder, esse mesmo povo, ás arbitrariedades dos governos, com gritos de raiva e clamores d'angustia. Ás fraudulentagens escandalosas sente-se responder com os brados altisonantes da dignidade offendida.

Não é preciso histuriar a monarchia para o povo a examinar. Presente-se o derruir das velhas ideias a cada passo, o estado medonho dos carunchosos esteiros d'essa realza estúpida e advinha-se até pela firmeza com que se bate a insolencia do despotismo. Os odios da aristocracia esmagam-se ao rir tumultuoso da turba e ao desespero tremendo dos vexados. Á canalha infame que ostenta no seu viver o cynismo dos garotos, responde-se-lhe com a indignação inacessivel aos ricos e patrimonio do povo humilde, gemente, soffredor, e respeitador, como capaz tambem de comprehender as acções que podem formar um heroe. E nós temos fé que não esperaremos muito pela emancipação social. Luctamos para ella e luctamos com ella.

O nosso ideal é a ventura da patria, mas queremos-a sem os erros existentes; desejamol-a sã, vigorosa e potente. E havemos de conseguil-o! Se não fór pela evolução ha-de ser pela revolução. Amamos muito a patria mas odiamos-lhe essa bandeira bicolor que lhe tremula nas suas ameias. Desejaramos ser os primeiros a rasgar-lhe o emblema vergonhoso e estúpido que firma a sua significação. Contra o estrangeiro, seriamos promptos a deffendel-a; pela ideia do futuro rasgal-a-hiamos nós. E no dia em que podermos despedaçar esse pendão que se levanta, nas nossas praças, que se estende sobre os caixões dos heroes, que excita os nossos soldados á defeza da patria, e que nós queremos substituida por outro; no dia em que podermos enforcar a monarchia com as tiras feitas d'esses pendões, então tremam pelos effeitos cruentos d'esse immenso combate entre o passado e o futuro, entre o presente e a democracia; tremam d'essa luta soberba travada entre uma ideia toda luz e fulgurações e outra ideia toda vergonhas e infamias. Despedagaremos os allicerces d'uma sociedade que se não peja de ver sacrificada a honra ao poderio das grandezas, a nobreza exigindo o servilismo ao plebeu,

e por causa final adquirir ou conservar um beneficio. Não haverá tambem ainda simonia se o beneficio não fór dado como preço, mas sim como recompensa de uma fornicação;

Ainda não haverá simonia quando alguem promette dinheiro como preço de um beneficio mesmo precedendo pacto expresso, uma vez que no acto faça tenção de faltar á palavra, porque n'este caso no promittente ha unicamente vontade de enganar;

E mesmo quando no caso precedente não houvesse a tenção de faltar á palavra, uma vez que a ella se faltasse por qualquer razão não haveria simonia. E o mesmo succede se houver o cuidado de pagar com moeda falsa.

Agora como sempre é manifesta e diametral a opposição entre a Igreja e a seita. Aquella ensinou sempre e considerou real e verdadeira simonia dar ou receber o temporal pelo espiritual e esta ensina o que ahí exhibimos.

Dos actos dos apostolos vemos que Simão, o mago, offerceu-lhes dinheiro para que estes impondo-lhes as mãos lhe communicassem o poder de fazer milagres, e que o fundador de igreja romana lhe respondeu: «o teu dinheiro seja para tua perdição». E todavia Simão

metade da humanidade a tornar escrava a outra metade; aluiremos os fundamentos d'uma constituição que não cõra vendo os brios sacrificados á desvergonha, os vicios levantados pelo proprio patriotismo, o bem espesinhado pelo mal, e o digno, o esplendido, o sublime, calcados pela indignidade, pela baixaza, coroados pelos sorrisos alvares do destruidor e do peverso.

Ah! mas... agora vós?!... Depois nós!...

No meio d'este desregramento que cerca o nosso povo, resta-nos uma razão para nos julgarmos felizes. É que a convicção vae penetrando nos seios dos que sentem a desgraça do paiz, o desenganam vae-se apposando dos peitos ralados pelo soffrer e pela dor. A escravidão supporta-se em quanto a ignorancia impe-ra. Nós levamos a luz á obscuridade dos cerebros, e elles, os coitados, que viam as trevas rodeando-lhe o sentir, riam-se de prazer para nós, e dizem: *Obrigados, que nos trouxestes a luz!* Cessam então os escravos para se levantarem os homens. Imponentes e magestosos, tornam-se os roblez das gerações futuras.

É com essa luz que nós havemos d'operar a revolução. E livrem-se que ella estale pelos effeitos retrogradados dos desejos que os monarchicos acalentam. O estrodo será medonho, horrivel! Uma perfeita hecatombe dos nossos tempos, o verdadeiro rugir d'um mar embravecido e encapelado. E para ella nascem as forças da razão e das sublimidades do pensamento. Nada mais precisamos.

THEMIS.

## LE ROI S'AMUSE

O povo geme oppresso em torpe feudalismo. Em toda a parte surge o subversivo grito Que rouba o somno bom, e cava o fundo abyssmo Ao rei bonacheirão, que á voz do «favorito»

D'esse gentil rei Ul, nos tira o magro pão, E nos arranca a pelle inconscientemente. O Fantocho da corte, heroe de papelão! Dizei-me se é mandando acutilar a gente,

O povo que trabalha em prol da Redempção, O povo que já pensa, o povo que já sente O cerebro seguir a lei da Evolução,

Que julgais transformar esta materia ingente!! E enquanto el-rei viaja á custa da Nação Vai-se fazendo a Luz silenciosamente!

EGBERTO DE MESQUITA.

## CARTAS

Lisboa 11 de agosto.

A imprensa occupa-se, na maioria da viagem do rei e dos seus aulicos pelas provincias do norte; e não ha nenhum outro assumpto que prenda a tenção do publico. Quer isto dizer que não tenho novidades com que satisfazer a curiosidade do leitor do *Povo de Aveiro* que procura n'este lugar algumas noticias da capital.

Com relação á insubordinação que alguns jornaes noticiaram ter-se dado no regimento de infantaria 11, que está em Thomar, tenho a dizer-lhes que o go-

não fallou em compra, nem em venda nem em preço: offerceu dinheiro para fazer jus e motivo da concessão da graça.

No Velho Testamento vemos que Giezi foi castigado com uma lepra, que se transmitiria á sua descendencia, por haver aceitado dinheiro e vestidos do general assyrio Neaman, aquem milagrosamente havia curado da mesma doença. E Giezi nada contratou nem estipulou e não recebeu aquellas dadas como salario, mas sim cedendo ás instancias do generoso e reconhecido logar-tenente do rei da Syria.

Em S. Matheus vemos que Christo disse a seus apostolos sem restricção e absolutamente: «Da de graça o que recebeste de graça». E quando expulsava os vendilhões do templo: «não faças a casa de meu pae casa de negociação».

E seguindo o divino mestre, o mesmo ensinam universalmente os padres da Igreja, como prova Graciano. Como ecco de todos basta S. Tarasio, patriarcha de Constantinopla, que pensa que todo aquelle que pretende comprar o dom de Deus não pode conservar-se no exercicio da ordem nem tornar a ser admitido e deve ser excluido da communicação dos fieis, e que Deus o castigará severamente.

vernador da praça de Peniche foi alimandado syndicar d'esse facto.

Os nossos correligionarios dr. Magalhães Lima, Silva Lisboa, Guilherme de Sousa e José de Sousa, partem amanhã no comboio da noute, em viagem de recreio e de propaganda, para as Caldas da Rainha, Alcobaca, Batalha, Leiria, Marinha Grande e outros pontos da provincia.

Já está constituido o novo ministerio francez sob a presidencia de Duclerc; ficando Devaux, ministro da instrucção publica; Fallieres, ministro do interior; Legrand, ministro das obras publicas; Tirard, ministro da fazenda; Devès, ministro da justiça; Billot, ministro da guerra; Jauréguiberry, ministro da marinha; e Cochery, ministro do correio.

A pretensão dos caixeiros de commercio, relativamente ao encerramento dos estabelecimentos aos domingos, julgamos que não terá solução favoravel a esses rapazes que durante toda a semana trabalham e activamente, desde as sete ou oito horas da manhã, até ás 10 horas da noute; a teimosia de dous outros donos de estabelecimentos de fazendas é que será a causa d'essa desharmonia.

Não podemos deixar de lamentar que por motivo tão futil, deixe de se pôem pratica uma medida que todos os principios de justiça reclamam.

Os jornaes registam todos os dias innumerados casos em que se faz sentir a falta de policia; o que não pôde deixar de succeder, porque a policia anda acompanhando el-rei na sua digressão; anda a policia tambem recebendo os agradecimentos dos salamanqueiros, pelos serviços que ella lhes prestou na capital.

Que despeza não vae em todas estas bambochatas!

Foi recebido hontem á noute em Lisboa o numero extraordinario que o nosso distincto collega do diario republicano do Porto *A Folha Nova*, prometeu publicar, no dia da entrada do senhor de Bragança n'aquella cidade. Vem esplendido.

No centro da primeira pagina traz o retrato de Prondhon; em volta da figura sympathica do grande pensador, leem-se brilhantes artigos de *Spada*, d'alguns dos redactores do *Seculo* e d'um dos mais activos membros do partido republicano do Porto, Pedro Rocha; nas outras paginas tambem se leem artigos de outros distinctos republicanos; e na quarta ha uns trechos republicanos escriptos em outro tempo por individuos que hoje são realengos e com que a *Folha Nova* formou uma secção sob o titulo *Fora de portas*.

Explendido numero! Hurra por aquelles sinceros republicanos.

Y

## COMMUNICADO

### A REPUBLICA NAS TALHADAS

Sr. redactor.—Rogo a v. a fineza de inserir estas linhas no seu mui acreditado jornal, o que desde já, profundamente reconhecido, agradeço.

Innocencio III, pontífice romano, fulminou graves censuras sobre as subtiles fraudentas de *todos aquelles que vivendo cegos pelo appetite de seus interesses pertendem palliar a simonia debaixo d'algum nome honesto, como se a mudança do nome pudesse mudar a natureza do crime e da pena que lhe è devida*.

A universidade de Paris condemnou a doutrina jesuitica relativa á simonia na censura irrogada ao livro do jesuita Moya, publicado sob o nome de Amão e o Guimeno, em 1665. O mesmo fizeram Alexandre VII e Innocencio XI em 1665 e 1679; seguindo-se a estes pontífices o clero da França em 1700.

### BLASFEMIA

Passemos agora á doutrina jesuitica a respeito da blasfemia e apreciemos o veneno derramado ahí como em toda a parte.

Resumamos:

Não repugna ao entendimento que a natureza, tomada pelo Verbo Divino ficasse sujeita ao resto da pena eterna. Elle poderia unir-se a uma natureza irracional, como por exemplo, é natureza d'um jumento. Da mesma sorte poderia

Nunca tivemos intuito de escrever para jornaes, porem, como é patriotismo e até caridade escudar o povo que tem direito á estima de todos, do flagello que o esmaga, recorremos a este meio para tornar mais conhecidas e vulgares certas acções que por aqui se praticam despropositadamente, afim de que todos estejam precavidos contra os ousados e malquerentes.

Falla a imprensa do alto d'essa tribuna universal; fallam os homens de talento perseverante, immenso e variado; gritam os homens de todas as classes, contra os impostos de que se acham sobre-carregados; porem que importa isso? Conquista-se por um lado com valentia e actividade pelo bem do paiz; mas por outro derroca-se perdidamente tudo quanto se ha feito. Era necessario que todos reconhecessem o estado deploravel em que jazemos. Era preciso que o brio portuguez se não esvanecesse. Era mister que todos divisassem a necessidade de reforma. Mas são poucos a divisál-a. Porra resta-nos a consolação de pugnar-mos com todo o vigor e energia pelos mais santos direitos de cidadão postergados.

Nós já não podemos viver senão no meio dos enganos, traições e malquerenças. Está no lar domestico o pobre e extenuado colono, cercado d'uma familia numerosa, vergando com o peso dos tributos, meditando e concentrando consigo que acha iniquo o procedimento do monarcha e que o unico porto de salvamento é levantar um publico um protesto vehemente contra a monarchia tyranna que menospreza os nossos direitos; no dia seguinte a essas inspirações divinas o sr. padre José Augusto Tavares da Silva vai ao pulpito declarar que a republica é mau governo, taxando os seus factores e neophytos de irreligiosos, e eis ahí o despeciado bifoco burlado e traído. Já não procura o refrigerio, quer pagar, porque a republica é anti-catholica. Se fosse verdade tinha razão, mas felizmente não é.

Reprovamos pois com toda a energia o procedimento do sr. padre Tavares.

Alem de ser improprio e indecoroso ao lugar, ventilar-se questões profanas, não podemos tolerar que os republicanos sejam ali, nem em outra qualquer parte, tidos como faltos de religião christã. Porventura não podem ser tão virtuosos e santos como os progressistas ou regeneradores? Donde consta que elles sejam anti-religiosos?

Na verdade o sr. padre estava estolido quando n'aquella tribuna sagrada vociferava estes improperios. É um vexame, é mais um attentado contra os direitos dos cidadãos aquelle modo de proceder do sr. padre José Augusto Tavares da Silva que sóbe ao pulpito quasi exclusivamente, ou para estigmatizar este ou aquelle partido deixando incolume os seus regeneradores, ou para se vingar d'um escandalo a que elle deu origem, ou para alcunhar de ladrões os mordomos da confraria do Senhor.

Este caso é o seguinte:

O sr. padre Tavares pregou os sermões de quaresma que são da competencia da confraria do Senhor. Porem, como um dos ditos mordomos habitasse o mesmo lar que o sr. padre, os ou-

uir-se a uma natureza racional, que fosse inteiramente ignorante, que pudesse errar e que estivesse ou fosse sujeita á mentira ou que depois da referida união caísse na demencia. Até é ponto de fé que a humanidade de Jesus Christo seja peccavel, pelo menos de uma maneira remota;

Deus pode inspirar um acto de erro, e pode introduzir no entendimento um habito de erro. Um modo de fallar amphibologico não é contrario á veracidade de Deus. Deus com alguma justa causa pôde fallar por um modo equivoco e d'isto ha muitos exemplos;

A blasfemia formal proferida com intenção determinada de ultrajar a Deus e aos santos pôde chegar a ser simples peccado venial por falta de plena advertencia.

Vamos em seguida confrontar a doutrina da igreja com estes principios e maximas e ver quanto se afastam e quanto se alongam no caminho do erro e da impiedade.

(Continua)

EDUARDO ARVINS.

três não pactuaram com expectativa de que o sr. padre Tavares, attendendo ás necessidades d'aquella confraria, não exorbitaria o preço. Não succedeu assim.

Exigiu pelos seus sermões dinheiro, que não ha memoria de se pagarem tanto n'esta freguezia. Não o censuramos n'isto, porque os mordomos não são isentos da culpabilidade. Achamol-o simplesmente pouco humanitario e caritativo.

Passou-se o tempo quaresmal e o sr. padre José Augusto T. S. tratou de se preparar, sem estar convidado, para o sermão da festa celebrada a 23 de julho; como os festeiros o não convidassem e tendo elle que orar por um devoto por occasião da solemnidade, o sr. padre Tavares, mette a ridiculo a festividade por não ter exposição. Alem de muitas inconveniencias que dirigiu aos mordomos disse:—que o povo dando esmolas tinha direito a que se lhe fizessem as festas como se devia. Muito obrigado sr. padre. O povo que dá esmola para uma festividade de 20:000 reis tem direito a que se faça uma de 40:000 reis. Provavelmente não sabe que os agricolas da freguezia das Talhadas são pouco endinheirados e que dão esmolas escassas para festas de grande monta. E não se recorda que lhe esgotou a bolsa com a exorbitancia do dinheiro dos sermões quaresmaes. Pois é bom que o fique sabendo. Aquelle seu phraseado quer dizer que os mordomos recebendo a esmola para a festividade e não a fazendo com a pompa costumada ficavam com o dinheiro, não é assim?

E tanto assim é que um dos mordomos quiz reagir, porem, como o reverendo parochio obstasse, elle julgou-se aniquillado, e restabeleceu-se assim a ordem n'aquelle lugar santo.

Lamentamos que os mordomos não conhecam o direito que podem exercer sobre quem affrontou a sua honra e probidade n'aquelle recinto sagrado. Ao sr. Vigario Geral compete indagar bem estas cousas. Isso esperamos.

A. R. PINCARO.

O nosso jornal vem hoje augmentado de formato em virtude da grande affluencia de original, e tambem por que ate esta data temos lutado invariavelmente com uma successiva falta de espaço.

Aquelles que teem posto em duvida a probidade e larga existencia do «Povo de Aveiro», respondemos hoje com mais esta prova pratica da amplitude sempre florescente do partido republicano e da proponderancia popular da sua imprensa.

Em Turcifal um padre raptou uma rapariga que estava amancebada com um outro padrao seu amigo.

A paz do Senhor seja com elles.

Consta que ainda este mez serão feitas as nomeações dos novos bispos para as dioceses que se acham bagas.

O governo não se descuida e vae correspondendo o mais que pode ás piedosas pretensões dos gloriosos padros. Não descança enquanto os não collar á miraculosa mangedoura episcopal. E tudo para maior gloria de Deus!

Ao entrar a comitiva real na Figueira um individuo disse junto do sr. Fontes, e apontando para elle: Aqui vae o sr. rei!

O sr. Fontes tomou a indicação como de innocente, e respondeu a serio: Não sou eu: é aquelle.

Soberbo!

Em Vizeu foi uma commissão pedir ao rei—que puzesse fora dos bancos do poder o sr. Fontes e mais a sua troppe, chamando para os conselhos da corôa uma outra companhia de acrobatas tão acreditada como a do principe Antonio.

Segundo dizem os telegrammas, sua magestade respondeu commovido que cumpre as indicações da sua consciencia. Vae sem commentarios e como interuallo comico.

Os salamanqueiros do Porto andam

n'uma roda viva com as festanças ás reas magestades. É um delirio, uma reinação, um grande brodio. Bebe-se á saude das altezas, guincha-se de prazer, rojam-se como uns gaiatos expansivos ás patas inviolaveis do real salafario, rabeiam como um enxame de pequeninos insectos importunos e atiram cada bofarada avinhada de entusiasmo pelas instituições, a ponto de estas correrem grave risco de serem victimas d'uma deusa nevoa alcoolica que arraste com tudo a pique. O rei deve estar muito penhorado com os homens do syndicato. Elles pediram muito e com instancia, obtiveram o que queriam, e agora pagam com um reconhecimento ruidoso e de encomenda o obsequio ignobil que o monarcha lhes dispensou. Que o rei se vá preparando para novas concessões fraudulentas e tractadas miseraveis, que terá sempre pelo seu lado as burras dos argentarios e as saudações descaradas dos maiores ladrões do paiz.

Vá de rétro.

A Correspondencia da Figueira mostra-se extasiada perante as festanças que para ali se teem preparado ás magestades. Disse a tal senhora da Figueira que todas essas manifestações que se succedem são obra do povo, exclusivamente do povo fidalgo e brioso que se acotovelou no furor da sua loucura clamorosa e do vivorio piegas e rouceiro para ver bem de perto a realza, identificar-se com ella, saudal-a no seu procurso, inspirar-lhe confiança e como que dizer-lhe: aqui estou eu para o que for preciso. E depois accrescenta que exceptuando tres jornaes da opposição progressista, os mais todos são concordes em affirmar que a real familia tem sido acolhida em toda a parte como a imagem do Deus vivo! Mentira, tudo mentira de contrabando.

Lembre-se a Correspondencia que não está escrevendo para paiz dos cafes ou mesmo de Marrocos, onde os factos se podem desfigurar; está escrevendo para os cidadãos do seu paiz, que sabem muito bem como estas coisas correm. O povo se se agrupa na passagem dos monarchas é levado pela avidez da curiosidade e não por motivos de sympathia e de adhesão. O povo respeitá o rei; d'acordo. Mas o povo murmura, o povo queixa-se, o povo insurge-se e não applaude as vossas farçadas estrondosas. Naturalmente o nosso collega da Correspondencia teem algum ganhosito para dizer d'estas e d'outros. Algum subsidio por exemplo, sahido das arcas do governo. Costuma-se a dizer dá cá e toma lá. E é ainda o povo quem paga os subsidios aos jornaes assalariados sem sua ordem e conhecimento. O povo afinal é quem paga para tudo e figura em tudo. Quando hade chegar a hora em que este pobre paria deixará de ser o bobo de comedia, o paspalhão e o pau de caballeira para todos os fins licitos e illicitos?!

Dois dos perigrinos que foram á romaria do Sameiro morreram no caminho, victimas do calor. E a interessante Virgem não se dignou fazer um milagre resuscitando os dois palermas que se sacrificaram por sua causa. O tempo dos milagres já passou.

Em Trancoso teem havido agitação violenta e tumultos serios. O administrador vendo as cousas mal paradas dimittiu-se e as demais autoridades deram as de Villa Diogo. Chegou uma força de 40 praças de infantaria e esperase que chegue tambem cavallaria. O Zé já não está lá muito pelos contos. De vez em quando faz das suas e a tra por momentos com a albarda ao ar, mas ella, a desapiadada torna-se-lhe logo a encaixar na espinha dorçal.

Um dia cairá de vez.

Foi expulso d'um collegio de Braga um tal padre Mendes, um mariola, devasso e immoral que por lá se entretinha a fazer das suas. Fora com elle.

Toma conta Zé.

A divida fluctuante em 31 do mez de julho era de 8.149:812:970 reis! O sr. Fontes está no poder e o deficit vae atraz d'elle. Para onde elle fór ahí vae o bichano do deficit atraz de si. São inseparaveis. O peor é se o sr. Fontes, se-

gundo consta, vae para o estrangeiro; então ver-nos-hemos por uma vez livre de tal praga, pois que o deficit raspa-se necessariamente a traz do seu devino paesinho.

Diz a Folha Nova:

«O Estandarte Republicano, orgão do partido em cujo campo é arvorado, tem-se entretido em combater os correligionarios por uma forma muito semelhante á costumada pelo Espectro da Granja, e outros de tal altura.

Não entraremos na questão. Apenas notaremos que é muito triste que o partido republicano, á semilhança do partido monarchico, comece agora a usar de calumnias e intrigas, que apenas indicam falta de dignidade, falta de critica politica, e que porventura denunciavam a aurea mordação.

Mais nada.»

Apoiado. Perfeitissimamente d'acordo. É tempo de nos insurgirmos contra uns certos jornaes que se dizem republicanos, mas cujo fim é apenas desanimar os que trabalham e semear a discordia no partido. Ainda que tenham razão em algumas das suas affirmações, nem todas se fazem publicamente. É necessario mais tino politico, mais prudencia e sobretudo mais amor á causa republicana. E por hoje ficaremos tambem aqui.

Recebemos do jornal La Grande Soirée a esplendida valsa Junto a ti escripta pelo nosso distincto correligionario Carlos Lopes. É uma composição muito bem trabalhada e onde o nosso primeiro baritono se revela um compositor de bastante merito, cheio de inspiração e de talento musical. É o primeiro trabalho que nos apresenta n'aquelle genero e com quanto tenha alguns defeitos pequeninos que a critica severa possa avolumar, que seja essa mesma critica o factor energico que aprimore e estimule o delicioso cantor que tantas e tão entusiasticas ovações tem colhido nos principaes concertos da capital. Carlos Lopes dotado pela natureza de uma voz soberba soube amoldal-a aos preceitos mais minuciosos da arte musical e senão que o digam as bellas noites passadas em S. Carlos; na Trindade no Gymnasio e n'outros tantos salões onde se tem feito ouvir. Continue pois a dar-nos novas produções que lhe agouramos uma gloria tão encantadora como a que já alcançou pela voz. Á redacção do jornal La Grande Soirée agradecemos o exemplar com que nos brindou.

Recebemos tambem o numero 1.º d'um interessante jornal—Guttenberg, dedicada á classe typographica e artes correlativas. É bem collaborado, bem impresso, sendo a capa de um grande primor artistico.

Bem vindo seja.

O nosso valente collega da Folha Nova vae ser querellado por certas cousas que disse n'uma chronica de Lisboa acerca dos caros penhores e que desagradaram de dor de ilharga aos façanhudos salamanqueiros das luminarias.

Venham as perseguições á imprensa, que isso é que nós queremos. Por cada perseguição que intentardes, sr.s monarchicos, surgirão logo novos campeões no campo da imprensa republicana.

Venham ellas!

Diz o Seculo a proposito do nosso primeiro anniversario:

«Completo o seu primeiro anniversario o centro republicano de Aveiro.

Congratulamos-nos sinceramente com este facto. Semos amigos sinceros e desinteressados d'aquelles nossos correligionarios. Orgulhamos-nos com isso.

Seguramente é este o centro de provincia mais bem organizado e mais bem disciplinado. Os republicanos de Aveiro estão alojados n'uma excellente casa, com a redacção do nosso presado collega O Povo de Aveiro, ao lado, com sala de bilhar e gabinete de leitura.

É assim que se faz a propaganda. Só o jornal representa por si um grande centro. Desejaríamos que todos os centros de provincia fossem modelados pelo centro de Aveiro, que, á custa de sacrificios, de trabalhos e de esforços, che-

gou ao ponto em que hoje se encontra. Aos republicanos de Aveiro um cordial aperto de mão.»

Agradecemos penhoradissimos ao jornal lisbonense, aquelle que mais tem trabalhado na propaganda republicana, as phrases sinceras, que nos dirige. Serão para nós mais um estímulo na obra de regeneração que encetámos n'esta terra. Se o Seculo se orgulha em ser nosso amigo, como diz, nós mais nos orgulhamos ainda em termos merecido essa amizade pela nossa conducta politica. Se não temos feito tanto como o collega affirma, resta-nos pelo menos a consciencia de o termos tentado, e francamente esta pequena fracção do partido republicano tem trabalhado aqui com uma valentia e dedicação que muito a honra, e tem conseguido realmente o que n'outras terras de provincia se não tem conseguido. E avançará sempre, temos a certeza d'isso.

O sal esta-se agora vendendo a reis 25:000 o barco, tendo baixado consideravelmente de preço no mercado.

O nosso presado collega da Folha Nova, saudou o Club Eleitoral Republicano Aveirense no dia do seu primeiro anniversario e enviou-nos a nós as suas felicitações.

Agradecemos. A delicadez que o collega teve para com os republicanos de Aveiro penhora-nos mais por aquelle jornal ser dos que melhor comprehendem o seu dever dentro do campo republicano, combatendo com valentia e intrasigencia os nossos inimigos politicos. Pela nossa parte resta-nos a consciencia de termos secundado energicamente, dentro das nossas pequenas forças, os grandes batalhadores da democracia.

Está entre nós o sr. Egberto de Mesquita; nosso bondoso collega na redacção d'este jornal.

Acaba de fallecer n'esta cidade o sr. José Roque Machado, victima d'uma paralytia de que padecia há bastante tempo.

O finado era um cidadão honrado e muito digno.

O Campeão diz que o rei foi mal recebido na estação d'esta cidade, não por o partido republicano ter avançado, mas sim por estar no poder o ministerio regenerador. Ora esta luminaria nem sequer se lembra já da questão de Lourenço Marques, que foi uma vergonha para a granjolada e uma gloria para o partido republicano que cresceu então immenso, estando estes trampolineiros no poder. Os leitores por certo não se esqueceram tambem d'aquella transcripção d'um artigo republicano do Diario Popular feita pelo Campeão ha poucos dias, declarando este jornal que as asserções contidas no referido artigo deviam ser—*a bandeira, o lema, a palavra do partido progressista.*

Em vista d'isto seremos desbragados se chamarmos indecente ao partido progressista, se o denominarmos o mais nojento de todos os partidos monarchicos?

Os leitores que julguem.

Diz o Districto que na estação foram levantados successivos vivas a suas magestades, que foram repetidos com entusiasmo pelo povo. Coitado, este tem a trapallice na massa do sangue, mas tenhamos dó d'elle, o pobre diabo não tem consciencia do que affirma. O seu mal lhe basta.

O chafariz do Espirito Santo tem dado que fazer aos operarios da camara. Vae para quinze dias que elle não deita nem pinga d'agua. O encanamento é deploravel e o cano rebenta ao mais leve volume d'agua, que vae alem d'aquella que costuma vir para o chafariz. A enxada e a picareta municipal lá estão constantemente a girar, a ver se dão saude e vigor ao enfermo. Mas qual saude? qual vigor? O enfermo é teimoso e o maldito do cano persegue nos seus intentos revolucionarios e travessos.

Dispendeu-se para ahí tanto dinheiro com uma fonte de luxo que afinal quasi nada approveita. O povo não quer luxo, quer commodidades.

Terça-feira, pelas 3 horas da tarde, passou na estação do caminho de ferro d'esta cidade a familia real. Ao longo da linha e n'uma grande extensão achava-se postada parte da força aqui estacionada e consta-nos que nas proximidades d'Oliveira do Bairro tambem se achava força de infantaria e cavallaria.

Na gare alem das auctoridades civis e militares achava-se algum povo e as duas philarmonias da terra. A realza foi recebida com uma frieza glacial. Não o dizemos por sermos republicanos; esta é a verdade e toda a gente o pode dizer. Apenas lhe foram levantados vivas por alguns empregados o que nem todos d'entre estes corresponderam e a que não correspondeu nenhum dos populares. Estes conservaram-se de chapu na cabeça encarando friamente aquella pallçada. O povo deu uma lição severa aos seus exploradores, mostrando uma frieza extraordinaria para com elles e sabendo ao mesmo tempo ser digno. Para prova do ridiculo com que aquillo cahiu basta saber-se que até o Inverno deu vivas á realza.

O Fontes, o olympico, o magestático, o principesco o esbanjador, o sublime finorio do pagode monarchico, não se dignou mostrar-se francamente na estação, no momento em que os empregados publicos levantavam o vivorio ao seu real amo. Ora para que se havia de esquivar e esconder a nata dos estadistas? Recceria o sr. Fontes alguma careta desagradavel e provocante, que o fizesse empallidecer de susto e de vergonha?

Nada d'isso, talvez. O caro tem um grande remorso penoso a espicar-lhe a consciencia—o de ter trahido sua patria e vendido o seu paiz ao ouro do estrangeiro. Era a consciencia que o accusava e o sr. Fontes velava o rosto e retrahia-se como um grande criminoso.

Pobre Fontes.

Dois moradores da rua de Santo Antonio, ás Arribas, vieram-se-nos queixar que quasi todas as noites se reúne um bando de individuos tocando o fadinho e fazendo grande celeuma, de maneira que encommodam consideravelmente quem está nas suas casas e quer dormir descansado, depois de ter labutado um dia inteiro. Dizem-nos que os taes pandegos de mau gosto trazem consigo uma lanterna de furta-fogo e que se entreteem a dirigir-lhe a luz para as janellas em que suppõem estar algum.

Aponctamos o facto e deixamo-lo ao arbitrio da autoridade competente.

Lembramos á camara municipal para que não permita que alguns individuos se vão deitar a dormir nos bancos do Passeio Publico, como ultimamente teem succedido. É preciso que se tenha em alguma conta a decencia e o respeito publico, para que quando algum estranho nos visite não fique fazendo uma ideia desagradavel de nós.

O sr. administrador do concelho dett attenção á noticia que domingo passado demos a respeito d'uma regateira, que procedeu irregularmente, e averiguando o facto intentou a essa mulher uma policia correcional, que vae em andamento. Perfeitamente. Assim é que procedem as auctoridades que se prezam. Em beneficio do serviço publico e da boa ordem apntámos um facto irregular e para que chamámos a attenção da competente auctoridade. Esta obrou immediatamente como devia e reconhecceu que era verdade o que lhe diziamos. Gostámos d'isso, mesmo para não estarmos sempre a pedir providencias.

Novamente lembramos ao sr. administrador a necessidade d'arrear aquelle muro do convento das carmelitas.

Como chefe da policia pode fazer a intimação a quem competir. Esperamos que o faça, porque aquillo é um perigo.

Pedimos á camara municipal para

mandar tapar os buracos provenientes do abarracamento da feira, no Rocio e que estão offerecendo um perigo serio para as cavalgadas e até para quem passa por alli. Pedimos tambem para que se mande construir de novo a cortina do caes, que segue da ponte do Cojo para a alameda e que no caso presente ameaça ruina.

Egualmente pedimos á camara para mandar calçar e dispôr convenientemente aquella pedra solta, que está no principio das escadas da Praça Municipal, contigua ao prédio do sr. Antonio José Lopes e que já occasionou uma queda violenta a um nosso dedicado amigo. É de toda a urgencia que se acabe por uma vez com tanto desleixo, promovendo a segurança e commodidade dos cidadãos, como o exige inquestionavelmente uma cidade que é capital de districto.

Providencias, ex.<sup>ma</sup> camara!

Esta redacção foi honrada com a visita do sr. Adolpho Andrade esclarecido redactor do *Seculo*, que anda por as provincias em digressão recreativa. Este novo correlligionario conta muito breve vir passar alguns dias entre nós no seu regresso a Lisboa.

Recebemos o manifesto que o Centro Republicano da Guarda dirigiu ao paiz por occasião da visita do rei áquella cidade. Vem redigido em termos energicos e audaciosos, protestando na esphera da sua influencia e acção contra os festejos que em nome do povo os salamanqueiros da Guarda fizeram ao rei.

Os bancos da Praça Municipal, depois que o vandalismo entrou com elles, ficaram n'um estado verdadeiramente penoso que a todos condõe mais ou menos.

A camara que olhe para isto que precisa d'um remendo. A policia que o sr. administrador nos importou sabiunos uma meia duzia de gatos pingados de catana a dar a dar, que apenas servem para farejar a hydra nos becos ou assarapantar-se quando ouve o canto da marseheza. Por Deus ou deem-nos policia como ella deve ser ou então mandem para o diabo tal gente e taes fainhas.

#### PILHERIAS

Um certo padrea era um prégador afamado e ao mesmo tempo um jogador incausavel. Um dia, para que lhe tinham commendado um sermão de lagrimas tiveram de o ir arrancar á mesa onde jogava o *baccarat*. Atrapalhado, o padre mette as cartas na algibeira e vai para o pulpito.

Começa o sermão, mas por fatalidade, n'um gesto largo, estende o braço, e as cartas caem-lhe da algibeira sobre os fieis, que o ouviam em profundo recolhimento. Grande escândalo. O padre sem se desconcertar debruça-se para um pequeno de dez annos, que appareara uma das cartas:

— Que carta é essa que tens na mão?

— É a dama de copas.

— E qual é a primeira das virtudes theologaes?

— Não sei.

— Ouvem-n'os, meus irmãos? (exclama o padre indignado); aqui tem uma creança que não conhece a primeira das virtudes theologaes, e já conhece a dama de copas.

— Ha muita gente que lhe dá cinquenta annos, minha senhora, dizia um atrevido a uma dama ainda bem disposta, ao que ella respondeu:

— Que me importa que m'os dêem, se não os acceito!

## ANNUNCIOS

### Ourivesaria

9 RUA DA COSTEIRA 9  
1.º andar

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos, tanto em ouro como em prata.

Garante-se em todas as obras feitas n'este estabelecimento um preço modico.

# TYPOGRAPHIA



## "POVO DE AVEIRO,"

N'esta typographia, recentemente montada, executam-se artisticamente todos os trabalhos concernentes á arte typographica, para o que tem uma escolhida e variada colleccção de phantasias e vinhetas modernas. Incumbe-se de todos os trabalhos, taes como: circulares, facturas, bilhetes de visita e de pharmacia, participações de casamento, chancellas, mem-muranduns, prospectos, procurações, mappas, programmas, editaes, guias, recibos, guias de remessa para o correio, etc., etc.

Tambem se imprime a côres, ouro, prata, bronze, etc.

Garante-se a brevidade, nitidez e sobretudo modicidade nos preços.

## NOVO ESTABELECIMENTO

DE

Crystaes, mobilia e mercearia

DE

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

RUA DIREITA

### AVEIRO

N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de vidraça branca e de côr, molduras douradas e pretas, galerias, paters, stores, transparentes, copos, calix, garrafas, jarras, espelhos, candieiros e seus pertences.

O annunciante tem tambem á venda muitos artigos pertencentes ao ramo de mercearia, o que tudo vende por preços muito modicos.

# SINGER!

## GRANDE BAIXA DE PREÇOS

nas machinas da Companhia Fabril

SINGER

— Rua de José Estevão, 26 e 28 —

Acaba de abrir-se n'esta cidade um novo estabelecimento de machinas ligittimas SINGER para familias, alfaiates, costureiras e sapateiros. Todas estas machinas se vendem tanto a prompto pagamento como a prazo.

**Grande abatimento** nas vendas a prompto pagamento.

Em todas as machinas vendidas a prazo dispensa-se a prestação de entrada, sendo o seu pagamento fei- **500 reis semanaes** to a

Todos os pedidos devem ser feitos a JOÃO DA SILVA SANTOS, na rua de José Estevão, 26 e 28.

João da Silva Santos

AVEIRO

### A MARSELHEZA

Em francez e portuguez

Um folheto de 8 paginas, com uma gravura, preço 20 reis. Vende-se, — no Porto, kiosque da Praça de D. Pedro, — em Coimbra, na loja do sr. João Correia d'Almeida, — Pedidos da provincia, a J. B. Rua da Mouraria, 87, Lisboa. — Precisam-se agentes na provincia.

### CONSELHEIRO DO POVO

Manal Pratico dos cidadãos portuguezes para cada um se dirigir e requerer por si, sem dependencia de procuradores, nos tribunales e repartições publicas, segundo as Leis do Reino.

Sabiu á luz o 3.º fasciculo d'esta interessante publicação.

Acha-se á venda no kiosque do Rocio (lado norte).

Custa apenas 120 rs.

# SINGER!

Machinas para coser, a prestações de 500 reis semanaes



# SINGER!

Machinas para coser com 10 por cento menos, a prompto pagamento

QUALQUER QUE SEJA A MACHINA NÃO SE PAGA ENTRADA

As melhores machinas para costura que todo o mundo conhece e que nunca tiveram rival

**CUIDADO COM AS IMITAÇÕES**

AS LEGITIMAS MACHINAS DE COSER SINGER

SÓ SE VENDEM NA

COMPANHIA FABRIL

SINGER

75—Rua de José estevão—79

(Em frente do edificio da Caixa Economica)

AVEIRO

FELIZ

52—LARGO DA PRAÇA—53

OVAR

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS COM LISTAS DE PREÇOS QUE SE DARÃO GRATIS

Vende-se algodões, torçoes, agulhas, oleo e peças soltas preços baratissimos

### AGENCIA DE ENCOMMENDAS

DE

### PORTUGAL E BRAZIL

Proprietario—Francisco Nunes Collares  
COMMISSÕES DIMINUTAS  
18, Rua da Atalaya, 18

LISBOA

GRANDE SUCESSO

### A FAVORITA DE BOU-AMENA

O MAIS DRAMATICO DOS ROMANCES CONTEMPORANEOS

POR

LOUIZ D'ARENE

Versão de Augusto José Vieira

Folhas de 8 pag. 10 rs.—

Estampas a 10 rs.

O enredo d'este magnifico romance, todo palpitante de interesse, desenvolve-se nos nossos dias; os personagens, pela maior parte ainda existentes, reconhecem-se perfeitamente.

A *Favorita de Bou-Amena*, deve pois obter um exito sem precedentes na historia do folhetim contemporaneo.

O auctor teve o feliz arrojto de descobrir, primeiro do que ninguem, as velhacarias e traições de um homem, que occupando outr'ora uma das mais altas posições, está actualmente marcado para sempre pelo ferrete infamante da vergonha.

Um dos principaes assumptos d'esta publicação, é as conspirações Bonapartistas contra a Republica Franceza, as tramas com a Allemanha, com a Italia,

com o Bey de Tunis, com Bou-Amena etc., etc.

No 2.º capitulo d'esta interessante obra, apresenta o seu auctor marechal Azaine entregue, aos seus projectos de traicão á patria.

Luiz d'Arène soube, ao tempo, crear heroes sympathicos cuja existencia arrojada e aventureira prevarava as peripecias mais commoventes.

Os leitores encontrarão n'esta obra os effeitos dos ardis de duas mulheres guiadas por paixões contrarias, o amor e o odio: uma perseguindo sem descanço a realisacção do seu ideal, e a outra a destruição e a ruina da sua patria.

## MACHINAS LIGITIMAS SINGER

Chegou ao deposito da Companhia, Fabril Singer na rua de José Estevão d'esta cidade um novo e variado sortimento de suas machinas de costura, com nos os melhoramentos e por preços convidativos.

Tem apparecido por ahí algumas machinas a imitarem as verdadeiras do Singer. É preciso reparar bem na sua marca e ver se são legitimas.

N'esta cidade só se vendem na Companhia Fabril Singer na rua de José Estevão 75 a 79 e em Ovar na Praça.

## BANDEIRAS

ALUGAM-SE bandeiras novas, quem nas pretender alugar falle com Rodrigo Mieirol, rua de José Estevão n.º 64— a 67.